

Políticas Públicas NA Educação BRASILEIRA

Diversidade

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
DIVERSIDADE**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P769	Políticas públicas na educação brasileira: diversidade / Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 227 p. : 2.528 kbytes – (Políticas Públicas na Educação Brasileira; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-93243-76-9 DOI 10.22533/at.ed.769182003 1. Educação e Estado – Brasil – Multiculturalismo. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Série. CDD 379.81
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO I

A AFIRMAÇÃO DOS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA E A LEI 10.639/03

Érica Monale da Silva Gomes, Paula Paulino da Silva, Suzana dos Santos Cirilo e Ivonildes da Silva Fonseca..... 5

CAPÍTULO II

A ANTROPOLOGIA COMO PONTO DE REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE NOS CURSOS DE DIREITO

Rafael Gomes da Silva Carneiro e Brenno Fidalgo de Paiva Gomes16

CAPÍTULO III

A ESCOLA DO CAMPO E OS SURDOS CAMPONESES: IMPASSES E POSSIBILIDADES FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Tamires de Campos Leite e Nágib José Mendes dos Santos.....25

CAPÍTULO IV

A LITERATURA AFRICANA NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONSTRUINDO PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA EM SALA DE AULA

Edmar Ferreira Santos35

CAPÍTULO V

A POLÍTICA DE IGUALDADE DE GÊNERO NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: ASPRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL

Hercules Guimarães Honorato.....48

CAPÍTULO VI

A PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA DO CAMPO: CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

Maysa Conceição de Farias Albuquerque, Emanuelle de Oliveira Belisario e Maria Joselma do Nascimento Franco 60

CAPÍTULO VII

ARTE E CONSCIÊNCIA NEGRA: PRODUÇÃO DE SABERES NA INTERFACE ESCOLA E TERREIRO DE UMBANDA

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes, Lílian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa e Rafael Gomez da Silva Carneiro 73

CAPÍTULO VIII

BOA ALUNA, MAU ALUNO

Hellen Cristina de Oliveira Alves81

CAPÍTULO IX

CONCEPÇÕES DA PROPOSTA CURRICULAR E A PRÁTICA DE SALA DE AULA SOBRE A TEMÁTICA DA DIVERSIDADE EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL DE SÃO LOURENÇO DA MATA – PE

Joel Severino da Silva e Luciana Menezes de Lima Mendes87

CAPÍTULO X

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero98

CAPÍTULO XI

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA REFLEXÃO DA PRÀXIS PEDAGÓGICA QUE LEVAM AS ATITUDES DISCRIMINATÒRIA

Suely Marilena da Silva e Fernanda Carvalho Guimarães 110

CAPÍTULO XII

EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENFOQUE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL EM MURITIBA/BA

Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro, Grasiela Lima de Oliveira, Maria Juliana Chaves de Sousa e Alessandra Alexandre Freixo 128

CAPÍTULO XIII

EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.

Maria Raquel Alves da Rocha 140

CAPÍTULO XIV

EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE: UMA FRONTEIRA QUE NECESSITA SER DESFEITA

Anna Carla Ferreira de Araújo e Anna Cristina Ferreira de Araújo 152

CAPÍTULO XV

JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Cynthia Nery da Silva, Jéssica Dayane da Silva Martins, Rayane dos Santos Borges, Silvana Nóbrega Gomes e Lígia Luís de Freitas 161

CAPÍTULO XVI

O SILENCIAMENTO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: O AVANÇO DO CONSERVADORISMO NO BRASIL E NO RECIFE

Isabella Nara Costa Alves 170

CAPÍTULO XVII

O/A DOCENTE DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO/A MONITOR/A EM ALTERNÂNCIA

Grasiela Lima de Oliveira, Alessandra Alexandre Freixo e Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro 182

CAPÍTULO XVIII

OS CONFETOS DAS BICHAS DOCENTES COMO MARCADORES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO

Roberto Vinício Souza da Silva, Rosemary Meneses dos Santos e Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento..... 195

CAPÍTULO XIX

RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINAR A CUIDAR EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E OS POSSÍVEIS AVANÇOS NESSE CAMPO DE CONHECIMENTO

Valdeci Silva Mendes e Candida Soares da Costa..... 208

Sobre os autores.....222

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero

DOMINAÇÃO MASCULINA E ESCOLA PÚBLICA

Alan Isaac Mendes Caballero

UNICAMP, Faculdade de Educação
Campinas – São Paulo

RESUMO: O seguinte artigo é de natureza bibliográfica e procura introduzir algumas considerações históricas acerca da construção da oposição masculino/feminino a partir de Pierre Bourdieu (2003) e Simone de Beauvoir (1963;1970) e seus efeitos nos corpos de meninos e meninas para tornarem-se respectivos homens e mulheres. Tentamos desenvolver a ideia de como o sexo biológico é eleito marcador que define o gênero e a sexualidade, incorrendo, em seguida, nos dados apresentados por Bourdieu e Beauvoir para servir de evidências argumentativas para apresentar a escola como uma instituição de função transformadora, apesar de suas contradições em reproduzir as estruturas patriarcais vigentes. Nossa conclusão apresenta um funcionamento do gênero a partir de funções inconscientes, ordem social e de socialização, apesar deste panorama, consideramos que os objetivos de um mundo sustentável às igualdades e às diferenças entre homens e mulheres nas sociedades atuais podem ser alcançadas através da educação com a) investimento simbólico na formação de profissionais de educação, b) no uso da gestão democrática nas escolas para atender as famílias e c) na autorreflexão dos agentes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Simone de Beauvoir (1908-1986), Pierre Bourdieu (1930-2002), gênero, corpo, escola.

1- INTRODUÇÃO

Este artigo é produto da pesquisa *As desigualdades entre os sexos pelas perspectivas de Pierre Bourdieu e Simone de Beauvoir*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com início em Setembro de 2016 e conclusão em Julho de 2017. Os objetivos da pesquisa consistiam em aprofundar os conceitos teóricos dos dois autores franceses para discutir a formação de gênero e a divisão social entre os sexos e possíveis soluções apresentadas pelos autores para essa problemática. Sua importância justifica-se pela tentativa de acompanhar as transformações globais para um mundo sustentável, procurando os entraves que prejudicam uma vida cooperativa, cidadã e equitativa entre os sujeitos sociais, seja nas interações microssociais ou macrossociais.

2- METODOLOGIA

Para esta pesquisa de caráter bibliográfico nos utilizamos de um método comparativo de leitura de *A Dominação Masculina* (2003) e os dois tomos de *O Segundo Sexo* (1963;1970), buscando na argumentação dos autores semelhanças e distanciamentos. A partir de Burawoy (2010), que se propôs a fazer um trabalho comparativo parecido entre os mesmos autores e com objetivos diferentes, encontra

tantas semelhanças entre Bourdieu e Beauvoir que nos aproveitaremos deste fato para construir uma argumentação compensatória entre os textos. Estas leituras consideraram, ainda, a educação não-formal para constituição de gênero, procurando nas considerações que Bourdieu e Beauvoir fazem sobre as culturas masculinas e femininas, as dificuldades (que são também o ponto de partida de uma educação transformadora) de realizar uma distribuição menos sexista desses capitais simbólicos entre meninos e meninas para uma formação visando a igualdade de gênero.

3- MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

A partir dos trabalhos de Bourdieu (2003) e Beauvoir (1963; 1970) podemos considerar a existência de uma ordem masculina na constituição das sociedades ocidentais capazes de socializar os indivíduos a partir de diferenças visíveis nos corpos, assegurando uma educação masculina ou feminina capaz de conduzir as práticas sociais desses sujeitos por longos períodos de suas vidas, produzindo identidades masculinas aos homens e femininas às mulheres.

Para estes autores, as instituições são centrais para compreender a diferenciação sexual das práticas entre homens e mulheres. Nelas concentra-se o poder de decidir sobre a formação das condutas, a espacialização dos atores na sociedade, a cultura vivida e as crenças transmitidas. Desta forma, o Estado, a Igreja, a Escola e a Família, por exemplo, determinam, em certo grau, como acontecem as relações entre sujeitos.

Num retorno às sociedades nômades (ou povos primitivos, como consta no texto), a partir de uma extensa bibliografia oferecida pela Biblioteca Nacional de Paris, Beauvoir (1970) encontrará na relação Homem-Natureza os primeiros mitos sobre a mulher a partir das práticas agrícolas. Segundo a parisiense, os homens desconheciam sua participação na fecundação, nos meios de (re)produção da espécie; temem a mulher por sua capacidade de gerar bebês, similar à Natureza, de onde retiravam seus mantimentos.

A mesma Natureza geradora de frutos, grãos, ervas e folhas será aquela dos trovões, das chuvas intensas, dos ventos fortes, por isso os homens temem as mulheres, ela encarna a Natureza. Beauvoir (1970) afirma que na passagem da Idade da Pedra para a Idade do Bronze os homens descobrem o fogo, e com isto passam a modificar os metais na confecção de ferramentas que atendiam as necessidades surgidas entre o ser humano e a Natureza. Com o tempo, ela torna-se propriedade, e a mulher também, graças às semelhanças que compartilhavam.

Os mitos são menos uma história inventada a uma construção coletiva da realidade, a percepção compartilhada de vários indivíduos sobre um mesmo fenômeno. Destes mitos construídos pela necessidade dos homens dominarem a Natureza, surge o do Eterno Feminino para Beauvoir (1970), consagrando as mulheres como férteis, com riquezas abundantes, misteriosas e mágicas.

Bourdieu (2003) constata em sua pesquisa etnográfica com os povos cabilas uma dominação social do masculino sobre o feminino, cuja associação com a natureza pode ser constatada pelo uso da linguagem sobre a fecundidade e os atos

sexuais, por exemplo: o homem como indivíduo cuja potência sexual é capaz de fecundar a terra (a mulher), uma vez que o esperma é representado simbolicamente pelo leite, manifestado por um esquema de preenchimento, “evoca a plenitude, o que está cheio de vida e que enche a vida” (BOURDIEU, 2003, p. 21-22). Estes símbolos remetendo em vários momentos a dicotomias fundamentais para definir uma diferenciação sexual, como duro/mole, alto/baixo, seco/úmido, cheio/vazio, forte/fraco, fora/dentro, direita/esquerda, fecundo/estéril.

À maneira das filhoses ou da massa folhada, que se come no momento dos partos das circuncisões, do nascer dos dentes, ele “cresce”, ou ele “se levanta”. O esquema ambíguo do *enchimento* é o princípio gerador dos ritos de fecundidade que destinados a fazer crescer mimeticamente (o falo e o ventre da mulher), pelo recurso sobretudo a alimentos que inflam e fazem inflar, se impõem nos momentos em que a ação fecundadora da potência masculina deve se exercer, como nos casamentos – e também por ocasião do início das lavouras, tempo de uma ação homóloga de abertura e fecundação da terra. (BOURDIEU, 2003, p. 20-21).

Para Bourdieu, estes são exemplos de mitos fundadores da diferenciação sexual no ocidente, sustentando uma história social de dominação do masculino sobre o feminino a partir da conquista dos espaços públicos pelos homens e da reserva de espaços privados para as mulheres.

A dominação se fortalece conforme a história é naturalizada, em outras palavras, quando as sociedades são aplacadas por uma amnésia coletiva da construção de suas sociedades, culturas, costumes e relações cotidianas. O desconhecimento sobre as formas de produzir as interações sociais legitima estruturas de poder, controladas, sobretudo, pelas instituições, capazes de configurar os agentes num campo de acordo com sua função e posição.

O domínio do homem sobre a produção da história é discutido extensamente por Beauvoir na segunda parte de *O Segundo Sexo*, denominada *História*. Em sua pesquisa, a filósofa discorre sobre como os homens ocuparam posições privilegiadas com relação aos direitos matrimoniais, econômicos, políticos, morais e na produção histórica, a ponto de afirmar que “o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 15).

Em suma, esse patriarcado sustentou-se pela negação da propriedade privada à mulher, argumento que se verifica na história pelo direito à herança, raramente um direito da mulher. Ademais, as mulheres, da Grécia Antiga à França revolucionária, com pouquíssimas exceções, estão sob a responsabilidade de um pai, marido ou tutor, respectivos administradores da propriedade, isto quando a mulher não é ela mesma a propriedade a ser administrada.

A negação da propriedade privada à mulher não significa que ela não tinha direito à propriedade, apenas que “Os direitos e os costumes nem sempre coincidiam: e, entre eles, o equilíbrio se estabelecia de maneira que a mulher nunca fosse concretamente livre” (BEAUVOIR, 1970, p. 168).

A mulher, para Beauvoir, não dispõe de uma relação recíproca com o homem, pois a reciprocidade pressupõe que ambas categorias “estão em estado de sustentar

a reivindicação”, seja pela hostilidade ou amizade, a reciprocidade pressupõe tensão (BEAUVOIR, 1970, p. 81). Já a dominação se mantém pela opressão.

No decorrer desta história, os homens também alimentaram fantasias acerca das mulheres devido às associações com o feminino, simultaneamente, produziram suas próprias práticas masculinas entre os homens e tentaram obter controle sobre as capacidades reprodutivas das mulheres.

A partir destas interpretações sobre a história da mulher, Beauvoir encara a mulher como

(...) um *outro*, um escravo, uma companheira dos desejos caprichosos dos homens em busca de autorrealização egoísta, um ídolo de culto, uma simples distração ou recompensa pelas ansiedades provocadas pelo envolvimento deles em uma competição (nobre ou cruel) com os demais homens. (BURAWOY, 2010, p. 141).

A história da mulher, manejada por homens, reduz ela à condição de objeto, enquanto o homem é o sujeito. Para ela, a liberdade é uma censura calcada na sua biologia, em seu corpo capaz de produzir vida. Em Beauvoir (1970), a Existência da mulher desaparece quando ela está entregue ao destino de fêmea, acorrentada à espécie, tornando-se um ser que produz Vida, mas não vive a sua própria. Os homens, por outro lado, transcendem a Vida pela Existência.

“Servindo a espécie, o macho humano molda a face do mundo, cria instrumentos novos, inventa, forja um futuro” (BEAUVOIR, 1970, p. 84), auxiliado pela cumplicidade da mulher, cujos únicos projetos são repetir a Vida; “ela acha no fundo de seu ser as pretensões masculinas” (BEAUVOIR, 1970, p. 85).

Tomando emprestado, aqui, a terminologia bourdieusiana, os homens criaram uma cosmovisão dicotômica entre masculino e feminino, impuseram sua visão de mundo (sua mitologia ou cosmovisão) às mulheres e assim deram continuidade às práticas de dominação, uma vez que os dominados interiorizam na forma de disposições corporais as estruturas objetivas como estruturas subjetivas, adequando sua linguagem, postura, gestos, ações e pensamentos às expectativas do campo social em questão.

Realizadas as considerações históricas, prezando a construção à naturalização, há momentos em Bourdieu (2003) e em Beauvoir (1963; 1970) para sugerir interpretações das divisões sociais entre homens e mulheres a partir de uma divisão sexual das ações.

Encontramos em Beauvoir (1963; 1970) a relação Eu-Outro, destaque neste momento. O Eu será um estado de consciência numa relação de alteridade, sugerindo certa liberdade nas ações de um sujeito, pelas quais desafia o mundo e faz-se reconhecer no mundo. Outra característica do Eu é a relação de intimidade que possui com seu corpo, a partir do qual concretiza suas realizações, age sobre o mundo e faz-se ser percebido como sujeito.

O Outro, todavia, vive um estado quase inconsciente, é aquilo que o mundo e suas relações fazem dele, vive passivamente. Praticamente não possui escolhas, é produzido pelas escolhas de outros seres, seu corpo sobrevive na dependência com o outro: seu corpo não lhe pertence, é um objeto manipulado, utilizado para que outros seres realizem seus sujeitos nele ou a partir dele.

O Eu é a representação do Homem, sujeito absoluto, o Outro, da Mulher, oposição ao Homem. Enquanto o primeiro está voltado à transcendência, o último resigna-se na imanência. Por tratar-se de uma construção histórica, Homem e Mulher devem ser entendidos como arquétipos sociais, as estruturas objetivas a serem interiorizadas pelos agentes no campo.

Como mencionamos anteriormente, as instituições sociais são responsáveis pela orquestração dos corpos na sociedade por um princípio de visão e divisão. A assertiva de Bourdieu (2003) é a de que este princípio identifica na percepção de diferenças corporais (neste caso, genitais) diferenças sociais, criando uma separação prática e simbólica entre os agentes para diferentes atividades. Assim, são legitimadas a divisão sexual do trabalho, por exemplo, propondo que a mulher é mais capaz que o homem em realizar trabalhos domésticos devido ao cuidado maternal do lar, inerente da sua condição de fêmea, ou que o homem possui um dom para a política graças a vontade e impulsos, proveniente do macho.

Os diferentes campos são considerados mais masculinos ou femininos de acordo com a quantidade de homens e mulheres que neles se espera encontrar. Isto vale para profissões, como a das garçonetes, enfermeiras e professoras contra os políticos, pedreiros e cientistas (quem serve comida, faz curativos e têm o cuidado de ensinar as crianças são mulheres; quem decide políticas públicas, carrega peso e produz conhecimento são os homens). O mesmo para as próprias áreas do conhecimento, em que um curso é considerado duro (como engenharias, direito e medicina) pela quantidade de homens, logo, é associado à masculinidade, enquanto o feminino poderia ser encontrado em cursos moles (como pedagogia, letras e dança).

A predominância histórica dos homens para alguns trabalhos conferiu-lhes o *status* de masculinos pelas funções que eles desempenhavam, afastando as mulheres desses tipos de trabalho, pressupondo que o feminino é a natureza da mulher, estando ela encarregada de atividades próprias de uma mulher, geralmente relacionadas à organização, cuidados maternos, beleza, limpeza e comunicação, por exemplo.

Este processo de divisão por características visíveis no corpo (anatômicas) que evocam mitos sobre uma natureza masculina ou feminina, resulta na utilização da mão-de-obra feminina (dentro ou fora de casa) para a realização dos interesses masculinos da sociedade. Com isto, estabelece-se a divisão entre o público e o privado, o primeiro reservado historicamente aos homens, o segundo, às mulheres.

O trabalho histórico de confinamento da mulher nos espaços privados contribui para tornar exclusivo os espaços públicos aos homens, acarretando a exclusão das mulheres desses mesmos espaços sem que os homens precisem interferir com força física, requisitando apenas constrangimentos morais. Nos mais variados regimes, por exemplo, a tradição patriarcal incumbe-se de destinar os cargos políticos aos homens porque eles são ensinados desde meninos a desejá-los, bem como outras posições de prestígio, como juízes, empresários, médicos e outros ofícios igualmente honrosos.

Enquanto isso, as meninas são preparadas para o casamento ou matrimônio. Elas são ensinadas a desejar maridos e fazer disto uma preocupação pessoal, a

maior conquista de suas vidas. Segundo Beauvoir (1970), mesmo que a mulher possua um trabalho, é esperado o casamento.

O homem vive a liberdade de seu corpo e de suas decisões, sua educação contribui para lançá-lo ao mundo dos negócios, do poder, das coisas grandiosas, pois é nelas que o homem alcança o auge de sua virilidade, do seu ponto de honra (BOURDIEU, 2003). Um dos sentidos de ser homem é acumular todo tipo de capital que engrandeça sua virilidade, que, nos mitos (perspectiva simbólica) é o que diferencia os homens das mulheres.

As vivências do corpo no mundo são capazes de produzir *habitus* sexuais, engendrando comportamentos diferenciados entre os sexos e na visão de mundo que possuem. A imagem construída sobre si mesmo contribui para atribuir sentido às relações com esse mundo objetivo e escolher as melhores formas de agir, comunicar-se e pensar as relações. O olhar e o discurso pesam na socialização dos corpos porque a partir deles a existência é percebida: mais do que uma imagem subjetiva do corpo é exigido atribuições objetivas (efeitos sociais) na relação com o outro. Destarte a mulher é um ser-percebido como um ser-para-o-homem porque em sua relação consigo mesma ela é corpo-para-o-outro.

(...) as reações ou as representações que seu corpo suscita nos outros e sua própria percepção dessas reações são elas mesmas construídas sobre tais esquemas: uma reação produzida a partir das oposições grande/pequeno, masculino/feminino (como todos os juízos do tipo “ela é muito grande para uma menina”, ou “é aborrecida para uma menina”, ou “para um menino isto não é grave”, variante da expressão cabila “não há nunca tara no caso de um homem”) é ocasião de adquirir os esquemas referidos que, voltados pelo próprio sujeito sobre seu próprio corpo, produzirão a mesma reação e de experimentar a experiência prática do próprio corpo que eles acarretam. (BOURDIEU, 2003, p. 81-82).

As mulheres, devido à difusão do mito do Eterno Feminino, alienam seus corpos de uma forma particular: esperar que os homens façam algo delas, uma vez que os efeitos de seus corpos (femininos) no mundo social (masculino) são desvalorizados por uma visão patriarcal naturalizada nos *habitus* dos agentes sociais, reforçada por instituições do Estado. Espera-se disto uma organização do mundo social pela separação dos corpos aos arquétipos de Homem e Mulher, socialmente construídos.

4- A ESCOLA E O GÊNERO

Esta educação dos corpos, capaz de permear vários campos distintos de forma implícita, velada e invisível, portanto, naturalizada, acompanha a trajetória dos sujeitos durante todas suas vidas, pela incorporação ou resistência, conduzindo suas percepções a partir de suas posições no campo, demarcando as ações permitidas, os gestos proibidos, as convenções sociais, expressão dos desejos e expectativas institucionais de acordo com o sexo.

Beauvoir, problematizando a educação das mulheres europeias e norte-americanas da década de 1940, alega que

Os pais ainda educam suas filhas antes com vista ao casamento do que favorecendo seu desenvolvimento pessoal. E elas vêm nisso tais vantagens, que o desejam elas próprias; e desse estado de espírito resulta serem elas o mais das vezes menos especializadas, menos solidamente formadas do que seus irmãos, e não se empenham integralmente em suas profissões; desse modo, destinam-se a permanecer inferiores e o currículo vicioso fecha-se, pois essa inferioridade reforça nelas o desejo de encontrar um marido. (BEAUVOIR, 1970, p. 176).

Ainda que a condição de existência de muitas mulheres tenha se aproximado de situações dignidade humana, o tema não foi superado e os direitos à igualdade e diferença entre os sexos não são satisfatórios numa perspectiva global, requerendo como um dos objetivos de desenvolvimento sustentável do planeta “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres” (ONU, 2015, p. 18). Para sua realização, entende-se a importância da educação e do ensino como, como ressaltadas no preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1949).

A diferenciação sexual dos sujeitos, transposta como problemática educacional nos desloca para pensar o gênero nas escolas, das instituições formais de ensino. Vista como oportunidade de transformação social, a escola a serviço das populações, com perspectivas de bem-estar social e justiça, não deve reproduzir as desigualdades sociais ao garantir educação a todos numa perspectiva multicultural (DUBET, 2004).

Entendemos que a narrativa de uma história das mulheres possui um efeito importante: compreender como as sociedades ocidentais mantiveram sua ordem social a partir de práticas miméticas e inconscientes (ou ao menos não-conscientes) a partir das construções dos símbolos masculinos e femininos comunicadas ao decorrer da história, cuja estrutura assenta-se na separação entre as funções do Homem e da Mulher nas sociedades a partir de princípios de oposição naturalizados nos corpos sociais.

A excelência da escola assenta-se num argumento de que ela produz transformações nas condições de vida dos sujeitos pela redistribuição do capital cultural. Para Bourdieu (2003, p. 107-108), a escola é um importante fator de mudanças na “reprodução da diferença entre gêneros” por contribuir com “transformações das estruturas produtivas”, o que significa dizer que ela é capaz de redistribuir também o capital simbólico. Isto é, com a alteração da posição nas mulheres no trabalho

observa-se, assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de venda de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração) e também uma intensificação de sua participação nas profissões mais próximas da definição tradicional de atividades femininas (ensino, assistência social, atividades paramédicas). (BOURDIEU, 2003, p. 108).

Dito isto, a escola possui dispositivos de controle dos corpos (sexo-gênero-sexualidade) a serem repensados pelo currículo escolar, começando pelo Projeto Político Pedagógico

(...) como elemento integrador entre teoria e prática, sujeito e objeto, conhecimento e realidade, sua [Projeto Político Pedagógico] relevância social e pertinência para a instituição escolar, é de suma importância dialogar com pressupostos de uma educação transformadora e crítica, como a inclusão da perspectiva de gênero em sua metodologia (DIAS & OLIVEIRA; 2015).

A escola sob o princípio da gestão democrática, presente na Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional Brasileira, permite à família, comunidade e os próprios alunos construir um ambiente escolar adequado às suas necessidades. Ao invés de uma oferta da educação como mercadoria, é exigido um compromisso do corpo gestor com a construção coletiva desse espaço público de educação (PARO, 2010).

Por este mesmo motivo, é importante que a formação dos profissionais de educação esteja de acordo com os preceitos de uma educação para a diferença e do professor como mediador da aprendizagem e integração dos alunos na escola, rompendo os paradigmas de uma *educação para meninos* e de uma *educação para meninas*, ou simplesmente, rever os tratamentos dados aos alunos a partir de seu trabalho pedagógico, contribuindo para a formação de sujeitos de direito.

Os professores encarregados desta educação, entretanto, são em sua maioria mulheres, lançadas neste mundo do ensino pelos mitos que instigam uma maternidade natural. “(...) A vocação feminina ainda contraria a vocação de ser humano, e impede que as escolhas pessoais e profissionais sejam feitas com liberdade” (ROMBACH, 2016, p. 53). O profissional mistificado possui sua prática pedagógica comprometida por processos de generificação, tendendo a discriminar avaliações de meninos e meninas, supondo que determinados conteúdos curriculares são *naturais* para um ou para outro (FÉLIX, 2015).

Bourdieu (2003) virá a concordar que os professores encorajam mais os meninos do que as meninas a continuarem os estudos. Beauvoir (1963; 1970) numa menção à escola, descreve como as habilidades e capacidades da menina são julgadas pelos professores por uma mediação com os costumes: os professores reproduzem o patriarcado e dirigem a formação da menina para a mulher conformada e submissa.

A família participa igualmente, como visto anteriormente, da formação da subjetividade dos agentes, que antes de serem homens e mulheres são ensinados a serem meninos e meninas: a criança é ensinada a apreciar e se identificar com símbolos sociais relacionados ao seu sexo. A escola contribui para a transformação dessas condições de desigualdade na incorporação do gênero ao currículo e na formação de profissionais da educação comprometidos com essa pauta.

5- CONCLUSÃO

Ainda que as palavras *menino* e *menina* em si não sejam suficientes para delimitar personalidades, ações e pensamentos, cabe lembrar que se a humanidade constitui-se de seres sociais, formam sociedades; sua manutenção explica-se por um princípio de ordem, garantido pela socialização dos sujeitos à cultura, cuja aprendizagem é, inicialmente, inconsciente (bem como a sensação de pertencimento e de existência derivadas dela, isto é, de ser capaz de comparar-se a outro sexo – *sou homem como ele* - ou de reafirmar sua identidade sexual – *sou uma mulher*).

Ser menino ou menina (futuros homem e mulher, respectivamente) possui um sentido histórico, como demonstrado a partir de Bourdieu (2003) e Beauvoir (1963; 1970). Mesmo que tenham existido diferentes formas de ser homem ou mulher no decorrer da história, em diferentes momentos e culturas, demonstramos um princípio de oposição entre masculino e feminino que diferenciou a instrução, formação e educação dos sexos a partir de diferenças anatômicas, possíveis de serem percebidas pelo olhar e comunicadas pelo discurso. Com efeito, as culturas possuem diferentes formas de diferenciar práticas masculinas e femininas, e de forma surpreendente, as diferentes práticas têm em comum privilegiar os símbolos masculinos em detrimento dos femininos.

O sexo biológico, portanto, a partir de normas sociais construídas historicamente, é o ponto de partida para conduzir naturalizações de gênero e de sexualidade. A força dessas naturalizações encontra-se no esquecimento de como os discursos foram criados na história – a tal *amnésia de gênese*, de Bourdieu (2001; 2003). Poderíamos acrescentar, lendo Butler (2017), uma tendência ao sexo ser percebido como binário, impedindo outras manifestações de gênero, outros corpos políticos além de homens e mulheres, de meninos e meninas, e que deveriam estar contidos numa representação de corpos possíveis e desejáveis para um mundo sustentável, como as crianças transexuais (SOLOMON, 2013).

A educação e o ensino, sobretudo nos ambientes escolares públicos e democráticos, são imprescindíveis para a realização da humanidade enquanto sujeitos livres para decidirem sobre si mesmos e iguais em direitos, concebido a partir de princípios de reciprocidade e solidariedade; somos todos capazes de transcender para uma condição de Eu, para isso, o outro (sujeito reconhecido pelo Eu) não deve ser colocado na imanência do Outro (objeto dominado pelo Eu), nem o sujeito deve abdicar de sua liberdade de escolher: deve assumir sua liberdade e fazer algo de si mesmo (BEAUVOIR, 1963).

Este objetivo requer a formação de profissionais da educação preocupados com um currículo no qual prescinde a temática de gênero, da participação da família (responsável pela educação primária da criança) e dos alunos (alvo da educação primária e secundária) na escola (responsável pela educação secundária ou continuação da educação primária) para discutir interesses educacionais entre essas esferas de formação. E, por último, a autorreflexão como um recurso de autoconhecimento de suas próprias funções e posições no campo enquanto agente, ou ainda, de compreender as contradições de si mesmo a partir de seus projetos e sua condição real de existência.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo I: fatos e mitos**. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. **O Segundo Sexo II: a experiência vivida**. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1963.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BURAWOY. **O marxismo encontra Bourdieu**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

DIAS, A. F.; OLIVEIRA, D. A. *As abordagens de corpo, gênero e sexualidades no projeto político pedagógico em um colégio estadual de Aracaju, SE*. *Holos*, Ano 31, Vol. 3, 2015.

DUBET, F. *O que é uma escola justa?*. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, set./dez. 2004, pp. 539-555.

FÉLIX, J. *Gênero e formação docente: reflexões de uma professora*. *Espaço do Currículo*, v.8, n.2, p. 223-231, Maio a Agosto de 2015.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948.

_____. *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. 13 de Outubro de 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 04/06/2017.

PARO, V. *A educação a política e a administração: reflexões sobre a prática do diretor de escola*. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n.3, p. 763-778, set./dez, 2010.

ROMBACH, S. *Mulheres e professoras: reflexos de um segundo sexo* (Monografia em Pedagogia). Campinas, SP: UNICAMP, 2016.

SOLOMON, Andrew. **Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ABSTRACT: The following article has bibliography nature and search introduce some historic considerations about the construction of the male/female opposition by

Simone de Beauvoir (1963; 1970) and Pierre Bourdieu (2003) and their effects in the bodies of boys and girls. We tried to develop the idea of how the biological sex is elected a marker that defines the gender and the sexuality, incurring, then, in the datas presented by Beauvoir and Bourdieu to serve as argumentative evidence to showing the school as an institution of transforming function, although its contradictions in reproduce the existing patriarchal structures. Our conclusion present a gender operation by the unconscious functions, social order and socialization, although this landscape, we consider that the objectives of an sustainable world the to the equality and to the differences between man and women in the present societies can be reached through education by: a) simbolic investment in the training of educational professionals, b) in the use of a democratic management in the schools to attend the families and c) in selfreflection of the social agents.

KEY-WORDS: Simone de Beauvoir (1908-1986); Pierre Bourdieu (1930-2002), gender, body, school.

Sobre os autores:

Alan Isaac Mendes Caballero Mestrando no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação na UNICAMP, cuja linha é Ciências Sociais. Membro do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Educação e Sociedade (GPPES) da mesma faculdade. Graduado em 2017 pela Faculdade de Educação da UNICAMP em Pedagogia. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa pelo Estado de São Paulo (FAPESP) durante o período da Iniciação Científica. E-mail para contato: alanisaac09@gmail.com.

Alessandra Alexandre Freixo Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997), Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Doutorado em Ciências Sociais pela UFRRJ (2010). Atualmente é Professora Titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), atuando principalmente nas seguintes temáticas de pesquisa: educação e ruralidades, imagens e narrativas no mundo rural, estudos de cultura e mundo rural, ensino de ciências no contexto da educação do campo.

Anna Carla Ferreira de Araújo Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID).

Anna Cristina Ferreira de Araújo Graduanda de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do projeto de extensão PIPEX, UFPE. Trabalha na área de biologia vegetal com ênfase em biologia de Briófitas.

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes Graduação em Educação Artística pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: brenno.fidalgo@gmail.com

Candida Soares da Costa Professora da Universidade Federal de Mato Grosso; Membro do corpo docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação E-mail: candidasoarescosta@gmail.com

Cynthia Nery da Silva Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); cynthianery@outlook.com

Edmar Ferreira Santos Professor da Universidade do Estado da Bahia. Membro do corpo docente do Programa de Especialização em Educação e Diversidade Étnico-Racial do Departamento de Ciências Humanas, campus VI da Universidade do Estado

da Bahia. Graduado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia, programa onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com apoio do Programa de Bolsas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. E-mail: estudosafricanos.edu@gmail.com

Emanuelle de Oliveira Belisario Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: emanuelleoliver@hotmail.com

Érica Monale da Silva Gomes Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: mmonale009@gmail.com

Grasiela Lima de Oliveira Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2015) e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2012). Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação stricto sensu da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (Previsão de término – 2018). Participa do grupo de pesquisa Carta Imagem, coordenado por Alessandra Freixo. Bolsista CNPQ. Atua principalmente nas seguintes áreas: ensino de ciências no contexto da educação do campo, narrativas, educação e ruralidades, formação docente.

Hellen Cristina de Oliveira Alves Professor da Faculdade Afonso Mafrense; Psicóloga do Instituto Federal do Piauí; Graduação em Psicologia pela Faculdade Santo Agostinho; Mestranda em Educação pela Anne Sullivan; E-mail para contato: hellencrisss@gmail.com

Hercules Guimarães Honorato Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA/RJ), ano de conclusão 2012. Graduação em Ciências Navais com Habilitação em Administração pela Escola Naval (ano de conclusão - 1982). Especializações em: Gestão Internacional (2007) e MBA Logística (2009) pelo Instituto COPPEAD de Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e Docência do Ensino Superior (2008) pelo Instituto a Vez do Mestre da Universidade Cândido Mendes, RJ. Doutor e Mestre em Política e Estratégia Marítimas pela Escola de Guerra Naval (EGN) - Rio de Janeiro, anos de conclusão 2007 e 1999 respectivamente. Diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG) do Rio de Janeiro no Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE-2010). Professor convidado da Escola Superior de Guerra desde 2009, dos Cursos de Altos Estudos de Política e Estratégia e Logística e Mobilização Nacional. Assessor Especial do Superintendente de Ensino da Escola Naval (EN) desde set. 2012 e professor da Disciplina de Metodologia da Pesquisa da mesma IES militar. E-mail para contato: hghhhma@gmail.com

Isabella Nara Costa Alves Graduação em Pedagogia pela Faculdade dos Guararapes; Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em raça, gênero e sexualidades Audre Lorde (GEPERGES); E-mail para contato: isabella.athos@live.com

Ivonildes da Silva Fonseca Possui graduação em Biblioteconomia e documentação pela Universidade Federal da Bahia (1979), graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1990), graduação em Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1992), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Atualmente é professora horista do Centro Universitário de João Pessoa, professor titular da Universidade Estadual da Paraíba, colaboradora - Bamidelê - Organização de Mulheres Negras na Paraíba, coordenadora - Bamidelê - Organização de Mulheres negras na Paraíba, voluntária do Instituto de Referência Étnica e efetivo da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: mulher negra, educação e etnia, escola e sociedade, racismo e legislação. Grupo de pesquisa: Dandê: educação, gênero e representações afro-brasileiras. Email: vania_baiana@hotmail.com

Jéssica Dyane da Silva Martins Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); jessicamartinsjp@outlook.com

Lígia Luís de Freitas Professor da Universidade – Centro Universitário de João Pessoa; Membro do corpo docente da Graduação – Centro Universitário de João Pessoa; Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, com sanduíche na Universidade de Barcelona, na área de currículo. Núcleo/Grupo de pesquisas: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM); Grupo de pesquisa interdisciplinar Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES)

Lilian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí-UFPI; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; e-mail: gabriellaufpi@outlook.com.br

Luciana Menezes de Lima Mendes Graduação em andamento em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil. Ensino Médio (2º grau). Dona Leonor Porto, DLP, Brasil

Maria Joselma do Nascimento Franco Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo -USP (2005), professora associada da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenadora (Pibid) fomentado pela CAPES - Subprojeto Pedagogia do Centro Acadêmico do Agreste, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea - PPGEduc. Email: mariajoselmadonascimentofranco@gmail.com

Maria Juliana Chaves de Sousa Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Centro de Estudos e Documentação em Educação – CEDE da UEFS.

Maria Raquel Alves da Rocha Atualmente desenvolve pesquisas sobre cultura cigana, abrangendo a performance nos rituais ciganos e suas manifestações artísticas. É professora do curso de Artes Visuais na Universidade Federal do Piauí - UFPI e cursa mestrado em Antropologia, pela UFPI. É graduada em Licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Plásticas; é especialista em Arteterapia em Educação e também especialista em Dança e consciência corporal. É docente da Secretaria de educação e cultura do estado do Piauí (SEDUC-PI). A autora é artista designer e bailarina e já desenvolveu trabalhos em danças ancestrais no estado do Piauí. Seu e-mail é raquelalvesrocha@hotmail.com

Maysa Conceição de Farias Albuquerque Estudante do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (Centro Acadêmico do Agreste) e bolsista do Programa institucional de bolsas de iniciação a docência (Pibid). Email: maysa.albuquerque@outlook.com

Nágib José Mendes dos Santos Professor da Universidade Federal de Alagoas/UFAL – Campus A.C. Simões; - Membro do corpo docente do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. Graduação em Filosofia Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas. Mestrado em Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/CEDU/ Universidade Federal de Alagoas. Participante do Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos em Educação e Diversidade – NEEDI. E-mail para contato: nagibem@gmail.com.

Osmar Barbosa dos Santos Ribeiro Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Maria Milza – FAMAM e em Letras Português/Inglês Pelo Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR; especialista em MBA Gestão de Pessoas e em Gestão Escolar pela Faculdade Batista Brasileira - FBB, em Educação do Campo e Desenvolvimento Rural Sustentável pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – FAC; mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; membro do grupo de pesquisa Carta-Imagem - UEFS; bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação do campo, projeto político pedagógico, práticas pedagógicas em ambiente hospitalar, educação e formação docente. E-mail para contato: osdi.art@hotmail.com.

Paula Paulino da Silva Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: paulinha.s90@hotmail.com

Rafael Gomez da Silva Carneiro Graduação em Direito pela UNINOVAFAPI; Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Piauí; Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação CAPES; Grupo de Pesquisa: CORPOSTRANS. e-mail: rafaelgomezcarneiro@gmail.com

Rayane dos Santos Borges Graduação em Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid); santosborges1897@outlook.com

Roberto Vinicio Souza da Silva Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí UESPI – Campus Parnaíba – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Juventudes (NEPJUV/UFPI-Parnaíba)

Romário Ráwlyson Pereira do Nascimento Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Campus Parnaíba – Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí UFPI – Vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) – Professor do Município de Luis Correia - PI

Rosemary Meneses dos Santos Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Castelo Branco – RJ – Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina – FACET/CCTP e Especialista [Psicopedagogia](#) pela ISEPRO em Parnaíba. Professora do Município de Tutóia - MA

Silvana Nóbrega Gomes Professora do Centro Universitário de João Pessoa; Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Mestre Em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Doutora em Educação Física e Esportes pela Universidade de Granada/Espanha UGR/ES; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)-Coordenadora pedagógica. Silvana.n.g@hotmail.com

Suely Marilene da Silva Graduada em Licenciatura em Ciências Sociais Instituição Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Formação em Pedagogia pela Instituição Universidade Vale do Acaraú – UVA; Pós-graduada em Gestão Escolar e Coord. Pedagógica Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup; Pós-graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho Instituição Faculdade de Saúde de Paulista – Fasup

Suzana dos Santos Cirilo Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: suzana.182009@hotmail.com

Tamires de Campos Leite Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas. Graduanda do Curso de Letras-Libras Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas. E-mail para contato: ttamireslleite@gmail.com.

Valdeci Silva Mendes Técnico Administrativo em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso; Graduação: em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso; Mestrado: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Doutorando: em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação; E-mail: valdeciconexoes@ufmt.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-77-6

